Evento: III Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUÍ

O PAPEL DA FAMÍLIA NA IDENTIFICAÇÃO DOS SINAIS DE ALERTA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA[1]

Júlia Sandri Peyrot[2], Francine Lutkemeyer Rudke[3], Eshley Zawatski Domanski[4], Rafaela do Nascimento[5], Beatriz dos Santos Carvalho[6]

[1] Trabalho desenvolvido na disciplina de Linguagem Oral: Aquisição e Desenvolvimento do curso de Fonoaudiologia da UNIJUÍ
[2] Acadêmica do curso de Fonoaudiologia; E-mail: julia.peyrot@sou.unijui.edu.br
[3] Acadêmica do curso de Fonoaudiologia; E-mail: francine.rudke@sou.unijui.edu.br
[4] Acadêmica do curso de Fonoaudiologia; E-mail: eshley.domanski@sou.unijui.edu.br
[5] Acadêmica do curso de Fonoaudiologia; E-mail: rafaela.nascimento@sou.unijui.edu.br
[6] Profª. Drª. do curso de Fonoaudiologia Beatriz dos Santos Carvalho. E-mail: beatriz.scarvalho@unijui.edu.br

Introdução: A detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) possibilita intervenções em fase de maior neuroplasticidade, reduzindo impactos na linguagem e comunicação. Permite ao fonoaudiólogo promover habilidades comunicativas e sociais da criança, envolvendo a família e cuidadores como agentes ativos na identificação de alterações comportamentais. **Objetivo**: Explorar como a identificação precoce de sinais de alerta e a participação da família aprimoram as habilidades de comunicação social em crianças com TEA. **Metodologia**: Este estudo foi realizado com participantes de um evento no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a partir de um questionário referente à detecção do TEA e ao papel da família durante a intervenção fonoaudiológica, que foi disponibilizado em formato de *QR Code*. Estes dados foram tabulados para posterior análise. **Resultados e Discussão**: A amostra do estudo consistiu em nove familiares, sendo majoritariamente mães (55,6%). As crianças/ adolescentes possuíam entre seis e 17 anos (44,4%), sendo a maioria do sexo masculino (88,9%). Os primeiros sinais atípicos surgiram, na maior parte, após 24 meses (44,4%), destacando-se atraso na fala (66,7%) e dificuldades de interação (55,6%), falta de contato visual (44,4%) e ausência ou pouco balbucio (44,4%). Os pais foram os primeiros a levantarem hipóteses de atraso (66,7%). O neurologista foi o profissional mais procurado inicialmente (44,4%). Quase metade das crianças recebeu o diagnóstico após os cinco anos (44,4%), e mais da metade apresentou intervalo superior a um ano entre os primeiros sinais e a confirmação diagnóstica (55,6%). Os resultados evidenciam maior participação materna, evidenciando seu papel central no cuidado infantil. A predominância masculina confirma a maior prevalência de TEA em meninos, enquanto a concentração entre 6 e 11 anos sugere diagnóstico tardio. O atraso na fala e as dificuldades de interação foram os sinais mais observados, reforçando achados da literatura. O fato de quase metade dos responsáveis perceberem sinais apenas após os 24 meses indica possível desconhecimento sobre marcos do desenvolvimento ou resistência ao diagnóstico, o que pode atrasar a intervenção e comprometer o prognóstico. **Conclusão**: Conclui-se que o diagnóstico do TEA ainda ocorre tardiamente para muitas crianças, comprometendo o início da intervenção em tempo oportuno. Assim, reforça-se a necessidade do acesso a serviços especializados precocemente, visando melhores prognósticos e qualidade de vida para esses indivíduos e suas famílias.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Sinais. Linguagem